

 **Resumo**

TENET, George J. **At the center of the storm: my years at the CIA**. New York: Harper Collins, 2007. 576p.

pelo **Cmt. Int. Romulo Rodrigues Dantas**

Abin

Segundo o livro *At the center of the storm: my years at the CIA*, de George J. Tenet – diretor da Agência Central de Inteligência (CIA) entre julho de 1997 e junho de 2004 –, autoridades da Casa Branca e do Pentágono, particularmente o vice-presidente Dick Cheney, estavam determinados a atacar o Iraque desde o início da administração Bush, antes das ações terroristas de 11 de setembro de 2001, e, para justificar a ação, distorceram a inteligência disponível.

Ainda que Tenet não questione a ameaça potencial que Saddam Hussein representava ou a sinceridade da crença do governo nos fatos, ele se recorda dos esforços de auxiliares de Cheney e do então secretário de Defesa, Donald H. Rumsfeld, para disseminar inverdades sobre Hussein para a opinião pública e assim justificar a guerra. Tenet também descreve o temor despertado na Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos da América (EUA) quanto à intenção da administração Bush de “descaracterizar inteligência complexa”.

Tenet afirma desconhecer que tenha havido “qualquer debate sério em relação à iminência da ameaça iraquiana. O debate que houve foi sobre a necessidade de agir antes que Saddam agisse”.

Em apresentações sobre ameaças aos EUA para integrantes da administração Bush em formação, no final de 2000, Tenet escreve que funcionários da CIA sequer fizeram menção ao Iraque.

Mas Cheney teria solicitado informações sobre esse país ao então secretário de Defesa do governo Clinton, William S. Cohen.

Em agosto de 2002, Cheney proferiu um discurso “cujo conteúdo foi muito além do que as avaliações da CIA podiam suportar”, diz Tenet. Entre outras coisas, Cheney afirmava que Saddam Hussein teria reiniciado seu programa nuclear “e brevemente teria armas nucleares, talvez dentro de um ano”. Pego de surpresa por essas declarações – ainda não confirmadas pela CIA –, Tenet afirma no livro ter pensado em confrontar Cheney, mas não o fez. “Teria esse fato alterado a futura abordagem desse tema?”, Tenet questionou-se à época. Ele acredita que não, “mas não deveria ter permitido que seu silêncio pudesse ser tido como concordância implícita”. Para Tenet, “formuladores de políticas têm o direito de ter suas próprias opiniões, mas não seu próprio conjunto de fatos”.

Novos detalhes sobre as origens da atual ameaça terrorista – e a maneira como as administrações Clinton e Bush lidaram com ela – somam-se à crescente quantidade de informações sobre o final da década de 90 e os primeiros anos do novo século. Para o futuro, Tenet descreve que seu maior temor é o de “natureza nuclear”, e está convencido de que é esse “o caminho que Osama bin Laden e seus seguidores desesperadamente desejam tomar, pois sabem que bombas em veículos, aeronaves e barcos lhes proporcionam manchetes em jornais; mas é o cogumelo nuclear que os faria entrar para a história”. Tenet afirma que “a al-Qaeda está aqui nos EUA, aguardando”, apesar dos esforços para combatê-la.

O livro rompe o silêncio público de Tenet, auto-imposto desde que ele deixou o poder, especialmente pelo fato de que considerou tentativas da Casa Branca em transformá-lo em “bode expiatório”.

Tenet diz que, em maio de 2003, Bush conversou sobre ele, Tenet, deixar o governo. Mas esse fato só se concretizou nove meses depois, com a publicação do livro *Plan of Attack*, escrito em 2004 por Bob Woodward, editor assistente do The Washington

Post, sobre os preparativos para a guerra. No livro, Woodward cita que Bush lhe dissera que a expressão *slum dunk*¹ – utilizada por Tenet, em 2002, para assegurar que a inteligência disponível justificaria a invasão do Iraque – “fora muito importante” para a sua tomada de decisão.

Tenet admite ter utilizado a expressão, mas ela foi retirada de contexto mais amplo e subsequente utilizada pela administração para culpá-lo por produzir inteligência deficiente. Tenet escreve que não seria sensato exonerar-se por algo que apareceu num livro, “mas já não vislumbrava maneira de poder ou continuar no governo, e Bush não fez nada para que ele permanecesse”.

Tenet culpa-se, entre outras coisas, pela Estimativa Nacional de Inteligência de outubro de 2002, a qual teria sido compilada sem muito critério. A estimativa – assinada na véspera da sessão do Legislativo convocada para autorizar a guerra – concluiu que o Iraque possuía armas químicas e biológicas. Tenet diz reconhecer que o documento foi produzido “sem muito cuidado em pontos-chave e, muitas vezes, embasou-se em fontes únicas, as quais posteriormente evidenciaram estar erradas”. Um problema constante, escreve Tenet, “é a tendência de analistas de inteligência assumirem como suas idéias de outras pessoas”.

Tenet recorda que um dos momentos da sua gestão em que se sentiu “mais por baixo” foi durante audiência pública em maio de 2004, quando um congressista disse-lhe: “Todos dependíamos de você, e você nos deixou na mão.”

Os relatos de Tenet sobre seus sete anos dirigindo a CIA incluem explicações, acusações, defesas e apologia ocasional. Quando se tornou diretor em exercício da CIA, em dezembro de 1996, Tenet diz ter-se deparado com “uma agência em frangalhos”, com orçamento deficiente e métodos anacrônicos e “morbundos” de recrutamento de funcionários, cujo moral “estava no

¹ Jogada de basquetebol na qual o jogador lança-se para o alto e intercepta a trajetória da bola, “enterrando-a na cesta”, usualmente pendurando-se no aro. No contexto, significa algo certo.

porão”. Os setores de análise e operações estavam deteriorados e não havia plano de ação gerencial de longo prazo coerente, integrado e mensurável, e para reverter essa situação ele focou sua energia, desde o primeiro dia.

Muito do conteúdo da primeira metade do livro descreve o que Tenet considera seus esforços e de auxiliares para fazer frente à crescente ameaça da al-Qaeda e para convencer a Casa Branca a adotar ação mais agressiva. Rejeitando críticas posteriores sobre alegada “letargia” da CIA, Tenet diz que após 11 de setembro de 2001 alguns funcionários da alta gerência do governo afirmaram “ter-se surpreendido com a extensão e natureza dos ataques. Talvez tenham ficado surpresos, mas não deveriam ter ficado, pois nós os vínhamos alertando sobre essa ameaça em todas as oportunidades”.

Um dos capítulos do livro é denominado “Oportunidades Perdidas”. Mas ele próprio não perdeu a oportunidade de “ajustar o placar” com Cheney, Rumsfeld e seus assessores de mais alto nível, com o assessor de Segurança Nacional do primeiro governo Bush, e com a secretária de Estado, Condoleezza Rice – que ele define como “figura distante que conhece bem o pensamento do presidente, mas que tende a não se envolver em confrontos políticos”.

Tenet escreve que, na gestão de Rice, o Conselho de Segurança Nacional falhou por não ter explorado opções e alcançado consenso, e que Rumsfeld recusava-se a reconhecer a deterioração do quadro no Iraque e, também, em várias ocasiões, atrapalhou o trabalho da CIA, por tratar informação secreta de maneira irresponsável.

De maneira contrastante, o tratamento de Tenet a Bush – que o condecorara com a Medalha da Liberdade, seis meses após ter deixado o governo – é relativamente gentil, “mas jamais esquecerá que, a despeito da inexistência de inteligência conclusiva contra o Iraque, o presidente, Cheney, Rumsfeld e Rice já haviam decidido pela suposta legitimidade e oportunidade de invadir o

país, e os preparativos da Casa Branca para a guerra estavam adiantados, com planos militares e de logística praticamente prontos”. Tenet escreve a descrição do quadro iraquiano pela alta gerência do governo como “a coisa mais desprezível que já aconteceu comigo, pois não se lança uma pessoa ao mar só por vontade. Isso é honrável? Isso não é honra para mim”. Tenet admite que ele e outros algumas vezes falharam ao não prover Bush da informação que ele precisava. “O presidente não estava bem servido de informações”, escreve.

Tenet escreve defensivamente em relação ao controverso programa de interceptação nos EUA de comunicação telefônica, em situações envolvendo suspeitos de terrorismo. “O programa foi idéia de Cheney, e ele informou, doze vezes, os líderes dos comitês de Inteligência do Senado e da Câmara dos Deputados, antes de o programa ter-se tornado público, no final de 2005.”

O livro reitera a declaração do ano passado feita por Bush de que os métodos da CIA para interrogar prisioneiros da al-Qaeda “ajudaram a inibir outras ações terroristas já planejadas nos EUA, no Reino Unido, no Oriente Médio e no sul e centro da Ásia”. Tenet admite que a CIA utilizou técnicas “as mais agressivas” – as quais ele não detalhou –, contra “um punhado dos piores terroristas do planeta”. Tais interrogatórios eram “cuidadosamente acompanhados todo o tempo, para assegurar a segurança do prisioneiro”.

Tenet considerou “papo furado” declaração feita no livro *The One Percent Doctrine*¹, escrito em 2006 pelo jornalista Ron Suskind, que afirmou que a CIA superestimou o valor da inteligência obtida do militante da al-Qaeda, Abu Zubaida, o qual Susekind considerou “mentalmente instável”. Tenet esclarece que Zubaida era figura central para muitas das operações da al-Qaeda e “compartilhou” informações valiosas com seus interrogadores.

² Nesse livro, o substituto de Tenet, John E. McLaughlin – que também participou da conversa entre Bush e Tenet – afirma não recordar ter Tenet utilizado a expressão. Tenet inicialmente negou ter utilizado a expressão, mas em 2005, em palestra na Universidade de Kutztown, no estado da Pennsylvania, disse estar arrependido por tê-la utilizado para descrever o caso contra o Iraque, considerando-a “as duas palavras mais estúpidas” que jamais dissera.

Ao ser preso, Khalid Sheik Mohammed, mentor dos atentados de 11 de setembro de 2001, disse que só falaria após encontrar-se com um advogado nos EUA. Tenet escreve que se o governo tivesse atuado de forma diferente e consentido o encontro, a CIA não teria obtido “nenhuma informação que ele possuía sobre ameaças iminentes contra o povo dos EUA”.

Para Tenet, a resposta da al-Qaeda ao foco da atenção da Inteligência dos EUA – homens jovens e árabes como riscos primários – “tem sido o recrutamento de *jihadistas* com perfis diferentes”. Ele está convencido de que “o próximo grande ataque contra os EUA poderá perfeitamente ser realizado por pessoas com feições asiáticas ou africanas, e não aquelas para as quais muitos estão alerta”.

No livro, Tenet destaca a proatividade da CIA em relação à al-Qaeda e bin Laden, mas considerou deficiente a reação da burocracia da Comunidade de Inteligência em relação aos documentos e alertas produzidos.

Por fim, o livro de Tenet disponibiliza ao público sua versão de fatos relativos aos atentados de setembro de 2001 e à invasão do Iraque. O certo é que o centro da tempestade muitas vezes concentra silêncio ensurdecedor.

* * *
EM DEFESA DO BRASIL